

O pintor de álamos

Sérgio Mendes

Quando sinto o aroma do fim,
deito-me no silêncio coberto pela terra,
ofereço-te paisagens povoadas por árvores e aves marítimas
como se fosse o guardador domesticado pelos álamos,
habitado a ler e a colher jardins da madrugada.
No dia seguinte, precipito animais e homens,
abrindo-lhes os destinos farpados defronte.

Quando pouso na berma da estrada,
como corvo tolerado pela cidade,
alimento-me de rosas brancas de desassossego,
alimento-me de chuva e restos do mercado,
abrigo pelo cobertor que é o meu sudário
manchado pelos poetas da casa dos fados.

Quando adormeço nos lençóis de cartão,
bastardo no panteão dos contentores do lixo,
deito-me no teu canto (o)fendido,
deito-me dentro deste claro labirinto orlado pelo teu sorriso limpo
cansado da moral e do bom senso.

Quando te cubro com migalhas da noite,
tatuada de memórias e mortalidade,
acredito nas mentiras trazidas pelas mãos dos teus sonhos,
abro-te em botão com os dedos,
lambo-te as veias pintadas de betadine e a cheirarem a sumo de limão,
queimada com pontas de cigarros nas costas e manchada de negras nas coxas.

Amo homens e mulheres em segredo
escondendo o espírito deles na minha cabeça:
a mãe corroída pelo batom vermelho,
a adolescente florida na estrebaria,
a menina fugida com a morte à frente do medo.
Esperam todas na gare da gigante vermelha
o comboio para a próxima nascente.

Espero pelo meu capitão.
espero-o sem medo da partida que me torna igual a todos,
espero-o de pé,
diante dos salgueiros,
diante de um tanque de ferro,

com a filha da lavadeira a acenar-me com cravos na boca,
varanda da liberdade.

Acompanhei tempestades, filosofias, tendências e ausências,
fui crente monárquico e cientificamente republicano, quase cético,
mas nada fiz, nada faço.

Sentei-me na valeta do café a espelhar a sede dos carentes,
aqueles que perderam o carrossel da vida.

Às vezes pergunto-lhe: por que me abandonaste?

Não responde.

É apenas uma imagem, uma ressaca iluminada
e eu sou o que está dentro da sua gargantilha.

O sentido da vida?

Perder tudo para ser livre.